

Centros Interativos de Ciência e Tecnologia: por uma práxis emancipatória.

Interactive Science and Technology Centers: for a praxis of emancipatory education

Maria Paula de Oliveira Bonatto
Museu da Vida/Fiocruz
bonatto@fiocruz.br

Resumo

O presente trabalho divulga os resultados da pesquisa de doutorado intitulada: *A criação dos Centros Interativos de Ciência e Tecnologia e as Políticas Públicas no Brasil: uma contribuição para o campo das ciências da vida e da saúde* (ENSP/Fiocruz, 2012). O estudo buscou compreender os processos de formação dos Centros Interativos de Ciência e Tecnologia (CICT) na América Latina e Brasil e identificar que tipos de representações sobre a ciência e a tecnologia estes espaços têm gerado. As conclusões indicam a necessidade de aprofundamento histórico-político na formação de intelectuais organizadores de CICTs no sentido de promover nessas instituições uma popularização da ciência voltada para os interesses e emancipação das classes populares.

Palavras chave: centros interativos de ciências, popularização da ciência.

Abstract

This work analyzes processes that generated Science and Technology Centers in Brasil. It also reviews the concept of Science Centers and its role in education, and popularization of science through interactive exhibits. This analysis considers Gramsci's conceptual and methodological work under a worldwide and a regional approach. It looks at peculiarities of Latin America and in the specific reality of Interactive Science and Technology Centers (ISTCs). The hypothesis raised by this study is that the ISTCs are institutions that, besides having different characteristics and objectives from the traditional Museums of Science and Technology, have their emergence marked by specific socio-political and economic scenario: the neoliberalism. In this process, ISTCs main characteristics and objectives are results of specific public policies designed to guide and direct its themes and actions, characterizing them as tools for profound changes that take place in the scenario of education and the scientific culture of the nation.

Key words: interactive science and technology centers, popularization of science.

Introdução

O presente texto divulga os resultados da pesquisa de doutorado intitulada: *A criação dos Centros Interativos de Ciência e Tecnologia e as Políticas Públicas no Brasil: uma contribuição para o campo das ciências da vida e da saúde*, defendida em 2012 na Escola

Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/Fiocruz. A investigação está centrada na análise dos processos que originaram os **Centros Interativos de Ciência e Tecnologia** (mundialmente conhecidos como **Science and Technology Centers**), como conceito de museu e de práxis educativa voltada para a divulgação e popularização da ciência por meio de exposições. Essa análise tem como base conceitual e método de trabalho a contribuição de Gramsci para o marxismo, enfocando a totalidade histórica: a) geral– âmbito mundial; b) âmbito regional–observando as particularidades da América Latina, e c) específica–âmbito da realidade dos **Centros Interativos de Ciência e Tecnologia (CICTs)**, que hoje se espalham pelo Brasil sob o conceito ampliado de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia.

Observamos que a gradativa e, cada vez mais valorizada, inserção mundial da ciência enquanto categoria de cultura é um atributo que levanta questões quanto à qualidade e formas que adquire, segundo os contextos históricos, políticos e econômicos em que se dá esse processo. Estes contextos são determinantes das características de CICTs como aparelhos educativos que participam da cultura científica disseminada nos dias de hoje. A presente pesquisa parte do pressuposto de que CICTs constituem-se em elementos do “Estado ampliado/educador” (GRAMSCI, 2000b, p. 260) os quais, no contexto do capitalismo mundializado, atuam como aparelhos privados de hegemonia impulsionados e sustentados por políticas públicas específicas e articuladas a redes internacionais. A condição para que intelectuais organizadores de CICTs se apropriem dessas instituições para consolidar projetos filosófico-científicos e político-pedagógicos emancipatórios é o desenvolvimento de conhecimentos que contribuam para sua autonomia histórica e política, direcionando suas ações nas disputas hegemônicas. A partir desses pressupostos, o problema identificado para esse estudo analisa três dimensões:

A. Os Centros Interativos de Ciência e Tecnologia são instituições que tem características e objetivos diferenciados dos Museus de Ciência e Tecnologia tradicionais. Essa especificidade tem uma função político-pedagógica que tende a ser desprezada com a inserção dessa modalidade de instituição entre os demais museus, a qual se dá ao longo dos anos, a partir do processo de reformulação do conceito de Museu adotado pelo ICOM (International Council of Museums, organiza internacionalmente os profissionais de museus, sendo um órgão da UNESCO/ONU).

B. No Brasil, CICTs tem seu surgimento marcado por uma conjuntura sócio-política e econômica específica, a da conformação para o neoliberalismo nas décadas de 1980/90. Mais tarde, a partir dos anos 2000, são consolidadas políticas públicas para CICTs, quando o país vive uma conformação social e política características do neoliberalismo da Terceira Via (Giddens, 1999). Ambas as conjunturas marcam, tanto as características da educação oferecida por CICTs, quanto a formação de seus intelectuais educadores. Atualmente a sistematização de elementos acerca da conjuntura ético-política que embasa o movimento de CICTs é escassa e se faz necessária, para que seus intelectuais (GRAMSCI, 2002) se situem politicamente nos processos dos quais participam e reproduzem.

C. Com o objetivo de reunir elementos para a compreensão da conjuntura mundial/local que respalda a criação de CICTs, bem como das características da popularização da ciência orientadas por suas políticas e intelectuais, faz-se necessária a construção de diretrizes para a formação de um trabalho de popularização da ciência sob uma perspectiva emancipatória.

Para abordar o problema implicado nessas três dimensões, formulamos as seguintes questões: 1. Quais são os perfis que caracterizam os Centros Interativos de Ciências Brasileiros criados nas décadas de 1970 a 2000 e a que instituições estão associados? 2. Quais são as diretrizes políticas que orientam a criação e organização dos CICTs no Brasil ? 3. Como intelectuais de CICTs expressam as influências dessas diretrizes nas disputas por

políticas e suas definições, abordagens de exposições e, portanto, nos campos da educação/cultura em ciência e saúde por meio de CICTs?

O estudo utilizou **três metodologias de coleta de dados**: pesquisa por **formulário eletrônico**, respondidos por 16 CICTs de quatro regiões brasileiras, entre 36 convidados; **pesquisa documental**, tendo sido consultados documentos nacionais e internacionais referentes à políticas relacionadas à criação de CICTs; **entrevistas** com 8 intelectuais organizadores de CICTs: 5 representantes de 5 países latino-americanos, um intelectual com experiência nos EUA e Europa, um museólogo com experiência em CICT, um intelectual de organização financiadora de CICT.

Os dados coletados foram analisados à luz de autores críticos do campo das políticas educacionais, a citar: GRAMSCI, NEVES, LEHER, FONTES, entre outros (ver bibliografia), nos levando à análise que se segue.

Perfis dos Centros Interativos de Ciências Brasileiros

No Brasil, Centros Interativos de Ciência e Tecnologia são instituições predominantemente públicas – em sua maioria universitárias ou ligadas à prefeituras – que oferecem entrada franca a um público quantificado, em média, entre 10 e 50 mil pessoas por ano. Intelectuais de CICTs apresentam formação abrangente, e são provenientes das mais diversas áreas de conhecimento, predominando a formação nas áreas de física, biologia, matemática, química e pedagogia. Estes profissionais consideram que a especificidade de CICTs está na oferta de atividades interativas por meio de exposições de ciências, tanto as de longa duração como as temporárias e itinerantes, oferecendo também oficinas educativas e palestras. No Brasil, os temas abordados em CICTs têm, em geral, ligações com as disciplinas escolares enriquecidas pela visão acadêmica, predominando temas ligados às ciências físicas, exatas e biológicas. Embora a missão destas instituições esteja ligada ao tema ciência, suas exposições não expressam a produção científica brasileira. Em geral, intelectuais de CICTs não mantêm uma produção científica regular, o que foi constatado pela pouca expressão em termos de publicações citadas como de sua autoria pelos próprios intelectuais de CICTs. Embora seja uma categoria de museu, CICTs, em geral, não apresentam museólogos entre seus profissionais e, segundo a visão de um dos entrevistados, aparentemente não se representam em encontros de museologia. Seus profissionais se reúnem em fóruns específicos de CICTs, como a Associação Brasileira de Museus e Centros de Ciências (ABCMC), a Rede de Popularização da Ciência da América Latina (RedPop) e os Congressos Mundiais de CICTs.

Profissionais de CICTs entrevistados apresentaram de forma frequente a opinião de que um de seus principais desafios é continuar a existir, embora as políticas do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), e iniciativas observadas em âmbito mundial, apontem para um crescente incremento no investimento para a construção desses espaços. A escassa informação oferecida por parte de seus próprios trabalhadores sobre o custo de construção e manutenção desses espaços nos leva a considerar a hipótese de que CICTs não dispõem de uma base sólida de planejamento de sua subsistência, o que parece indicar que, como instituições públicas, tenderão, cada vez mais, a depender de insumos privados para manter suas atividades. Esse fator favorece a perda da autonomia para a discussão dos interesses públicos/populares, tanto no que concerne à visão de ciência que CICTs apresentam como cultura, como também, dificulta a construção de visões críticas acerca das intervenções das políticas de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) sobre a vida e a qualidade de vida.

Podemos dizer que CICTs participam de um movimento que sustenta uma sociabilidade voltada para alianças entre cultura/educação não formal e os interesses das frações burguesas ligadas à indústria/capital financeiro. Essas alianças subsidiam ações para uma “**nova pedagogia da hegemonia**” (NEVES, 2005), cujas características estão ligadas aos interesses do chamado neoliberalismo da Terceira Via (GIDDENS, 1999), interpretados por Neves:

A nova pedagogia da hegemonia é uma construção da burguesia que se destina a assegurar a dominação e a exploração de classes na atual fase do capitalismo por meios educativos positivos. Busca estabelecer um novo senso comum por meio do ordenamento da consciência de cada sujeito e da interferência no nível de consciência política coletiva das frações da classe trabalhadora. A base do novo senso comum é a crença de que os antagonismos foram superados pelas diferenças e diversidades, e que a colaboração de todos é o caminho para o crescimento econômico e desenvolvimento social (NEVES, 2005, p. 24).

Esse é o contexto em que CICTs se expressam por meio de aparelhos de educação não formal do Estado ampliado (GRAMSCI), financiados por políticas ligadas diretamente e prioritariamente à produtividade da indústria da energia, dos combustíveis fósseis e das tecnologias de comunicação, tendendo a divulgar uma ciência e uma sociabilidade orientada para interesses desses grandes grupos.

Diretrizes políticas da criação e organização dos CICTs

Identificamos que, no Brasil, a criação de CICTs está associada prioritariamente às políticas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, reunindo perfis dos campos da educação, da ciência e da cultura. A pesquisa documental mostra que as políticas brasileiras de C&T têm sido orientadas, desde o pós-guerra, em ações concatenadas que, embora descontínuas, refletem de forma permanente um consenso com as diretrizes emanadas de instituições multilaterais do capital internacional, entre as quais, o Banco Mundial (BM). Em um processo de sociabilidade que privilegia ações educativas, o BM tem orientado as agências da ONU para este objetivo, sendo a UNESCO um de seus principais braços de conformação social. Atuam por meio de informações, reunidas em bancos de dados ao longo de décadas, como agências organizadoras da burocracia e dos enfoques educativos, principalmente para a periferia do capitalismo mundializado (PEREIRA, 2009). O Brasil tem recebido atenção especial por parte dessas agências como forma de investimento em uma liderança multiplicadora desse sistema para atuar entre blocos de países emergentes. Atualmente essas ações estão fortemente direcionadas para o desenvolvimento da CT&I demarcando papéis na divisão internacional do trabalho. Nesse contexto o foco do desenvolvimento de tecnologias na América Latina é o aparelhamento de um parque industrial voltado para incrementar a produção de *commodities* com base em indústrias eletro intensivas cuja implantação demanda intervenções radicais sobre a vida e a qualidade de vida local. Esse processo envolve investimento intensivo no preparo massivo da população para uma inclusão como consumidora e adaptadora de inovações, cujo papel é renovar e aquecer o mercado nacional e internacional, em detrimento da construção de uma ciência voltada para os interesses locais (PEREIRA, 2009, FONTES, 2010). As crises locais que derivam desse processo são controladas por meio de políticas da chamada “Terceira Via” (GIDDENS, 1999). Estas, mediante a expropriação crescente da qualidade de vida e dos direitos dos trabalhadores, por meio do trabalho cada vez mais intensivo e flexível, veiculam os objetivos de inclusão social, paz social e participação orientada para o consenso. Assim, cultiva-se uma sociabilidade onde se dissimula a existência de conflitos e exploração de classe, por meio do enfoque nas

questões de diversidade de gênero, culturas, etnias, e gerações. Esses processos são realizados principalmente por meio da “filantropização das políticas sociais” (FONTES, 2006), em ações focalizadas e amplamente divulgadas pelas mídias de massa. Esse é o contexto em que se insere a construção de CICTs e de suas redes.

A RedPop, rede de CICTs da América Latina, foi criada por iniciativa da UNESCO, a qual criou também redes semelhantes em todos os continentes do planeta, estimulando sua integração. Entre os discursos identificados em documentos das diversas redes continentais de CICTs (África, Europa, Ásia e América do Norte) a relação com a indústria é destacada como objetivo em seus documentos. A principal ideologia que move estas redes é a da educação para a sociedade do conhecimento, uma ideologia que bloqueia ou obscurece os debates em torno da exploração entre classes. Atua com base nos preceitos de educação ao longo da vida, ideologia que favorece a disseminação de uma educação diversificada e privatizada, voltada para os interesses da divisão internacional do trabalho, em detrimento da educação universal pública de qualidade, a qual tem se deteriorado, mesmo em países desenvolvidos.

No Brasil o apoio intenso à criação dos primeiros CICTs deu-se na década 1980, em meio ao processo de “repolitização da política”, característico da **nova pedagogia da hegemonia**, cujo início remonta ao período de redemocratização pós ditadura militar. Essa “repolitização da política” se dá mediante esforços das políticas hegemônicas em redefinir culturalmente as referências de “participação política”. Identificamos três movimentos concomitantes nesse processo: (1º) formação de um novo homem – o cidadão trabalhador voluntário ou colaborador; (2º) refuncionalização das organizações que no passado atuavam com referências classistas para configurá-las como “esquerda para o capital” (COELHO, 2005) (ex. sindicatos, partidos políticos e associações de classe); (3º) incentivo à criação de novas organizações (fundações, institutos, associações, ONGs, OS) destinadas a difundir os preceitos de uma nova sociabilidade (NEVES, 2010; MARTINS, 2009).

A partir dos anos 2000 pode-se dizer que se ensaiam parâmetros para a consolidação de uma política pública voltada para a divulgação científica que orienta a criação de CICTs como parte de um programa que atua por meio de editais de “popularização da ciência”. Esses editais direcionam temas para a construção de CICTs e suas exposições, destacando as questões em torno da energia elétrica hídrica e nuclear. Os editais, sob a intenção de “popularizar” a ciência promovem principalmente: eventos de celebração da CT&I, concursos e olimpíadas intelectuais escolares, apoio à formação técnica associada, ou não, à educação formal. Os temas dos editais para a criação de exposições de CICTs são determinados muitas vezes por demandas das intervenções tecnológico/empresariais responsáveis por frentes de ação ditas “neodesenvolvimentistas”, como a construção de hidrelétricas e a exploração do petróleo, como verificado na resposta à primeira questão.

Popularização da Ciência e educação emancipatória

No contexto da teoria Gramsciana, o uso do termo “popularização da ciência”, como enfoque filosófico-científico está referido à seguinte reflexão:

[...] um movimento filosófico só merece este nome na medida em que, no trabalho de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquece de permanecer em contato com os “simples” e, melhor dizendo, **encontra neste contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e resolvidos. É através desse contato que uma filosofia se torna “histórica”, depura-se dos elementos intelectualistas de origem**

individual e se transforma em vida (GRAMSCI, 2006a, p.100, grifo nosso).

Observamos que, tanto em documentos do MCT, quanto em documentos da UNESCO, o termo popularização é utilizado para se referir a ações de disseminação de suas políticas. No sentido Gramsciano mostram uma apropriação semântica indevida e enganosa, na medida em que as ações não refletem as demandas e denúncias populares com relação às intervenções das políticas de desenvolvimento para as quais tem se investido em C&T. As ações oficiais tem se mostrado como uma via de mão única em sua preocupação de legitimar as políticas e os interesses hegemônicos voltados para uma ciência que é frequentemente orientada por campanhas internacionais da UNESCO.

A “Declaração da Cidade do Cabo”¹, relativa ao 6º Congresso Mundial de Centros de Ciências de 2011, “Ciência através das culturas”, afirma que o público mundial que tem contato com programas de CICTs está em torno de mais de 310 milhões de pessoas, frequentando cerca de 2.500 centros de ciência em mais de 90 países e regiões administrativas, dados que tendem a crescer com o amplo investimento que está sendo feito mundialmente na produção de intelectuais que venham a reproduzir a cultura hegemônica que se traduz em comportamentos e visões de mundo orientadas por CICTs: uma ideologia progressista que sustenta a visão de Ciência e Tecnologia como neutra, positiva, divertida e igualmente distribuída.

Na América Latina, há indicações de um duplo papel para CICTs ao exercerem a função de aparelhos culturais para a “nova pedagogia da hegemonia”. Primeiro, funcionam como base para ampliar a sensação de acesso às informações científicas que a escola não consegue garantir para todos, enquanto preparam a sociedade e o trabalhador para uma crescente complexidade científico-tecnológica, associada também ao trabalho simples. Segundo, causam a sensação de que há uma democratização de acesso à atualização de uma ciência que muda velozmente sob a ilusão de um conceito de evolução positiva, ou seja, uma ciência que se tornaria cada vez melhor e homoganeamente distribuída. O que fica oculto é que a “melhoria” ou avanço técnico da ciência e tecnologia não corresponde necessariamente à melhoria da qualidade de vida de populações que estão diretamente expostas às condições de sua produção. Esse fato tem relações profundas com a produção cultural de uma sociedade que assume como natural a divisão entre aqueles que celebram a ciência de forma permanente e alienada, legitimando a cidadania do consumo, e a maioria, que paga o ônus de uma economia tecnológico-desenvolvimentista, expropriada de condições mínimas de sobrevivência, moradia e saúde, como vimos no capítulo 3, com base nos depoimentos das organizações participantes do evento da “Cúpula dos Povos” por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (“Rio + 20”).

Quanto às características da ciência que está sendo divulgada, os dados indicam que o eixo da ação de CICTs não seria a disseminação de conteúdos científicos, os quais estão referidos em geral na cultura escolar, mas a conformação de comportamentos que favoreçam a disseminação da cultura da inovação. Esses comportamentos se referem ao conceito de interatividade, ou a capacitação para a ação associada ao reflexo, mais que à reflexão; uma tendência à conformação social para se lidar com a superficialidade e transitoriedade de conceitos associados à renovação de tecnologias e à simultaneidade de informações em ambientes multidisciplinares, naturalizando a dissociação entre acontecimentos e sua

¹ Consultada em <http://www.6scwc.org/pdf/CAPE%20TOWN%20DECLARATION%20FINAL.pdf> no dia 15/05/2013 às 11:10h.

historicidade². O conjunto dessas características, conformando um novo perfil de museu, nos leva a questionar o papel social de uma divulgação científica que se faz na construção de instituições que são, em síntese, “museus sem memória”. Todos esses aspectos devem ser investigados mais profundamente e certamente levantam novas questões.

Como propostas de continuidade para as pesquisas que se sucederão a esta, e mesmo para reflexões dos coletivos que questionam a práxis em CICTs, ficam as perguntas: como profissionais de CICTs, com toda a sua experiência acumulada podem se posicionar de forma autônoma, para tornar exposições de CICTs locais onde haja uma real oportunidade de acesso das classes populares à discussão acerca das influências das políticas de C&T sobre suas vidas? Considerando que a apropriação da produção da ciência e tecnologia estão necessariamente incluídas nas perspectivas de um modelo de desenvolvimento do interesse das classes trabalhadoras, como associar à popularização da C&T, propostas educativas emancipatórias, no sentido de possibilitar acesso à educação crítica e de qualidade nesse campo?

Diante do quadro que observamos, de intensa complexidade política e cultural, e que tem sua construção continuada por séculos, é urgente a necessidade da construção de linhas de ação que tenham como base mudanças no tempo longo, organizadas de forma consciente e estratégica, por intelectuais que trabalhem com base nos valores emancipatórios expressos por Loureiro :

[...] há emancipação quando agimos para superar e superamos: (1) relações paternalistas e assistencialistas que reproduzem a miséria (intelectual e econômica); (2) uma educação que impede a capacidade crítica de pensar e intervir de educadores-educandos; (3) a apropriação privada do conhecimento científico; (4) práticas políticas que viciam a democracia e sufocam o desejo da participação, garantindo o privilégio de oligarquias que se constituíram com a lógica colonial que instaurou o Brasil; (5) relações de classe que condenam milhões a uma condição indigna, de precariedade na luta pela sobrevivência, por força dos interesses do mercado e de seus agentes, “coisificando” a vida (LOUREIRO, 2007, p.2).

Para o campo de CICTs uma estratégia imediata de fundamental importância é o investimento por parte de intelectuais organizadores de CICTs na aquisição de uma autonomia histórica (GRAMSCI, 2006), potencializando a construção de relações entre temas de exposições/atividades e a realidade das classes populares. Esses espaços podem apontar para reflexões que superem as referências à situações do dia a dia dos indivíduos, contribuindo para torná-las sujeitos políticos da apropriação popular e coletiva de uma ciência que permita a emancipação para as classes trabalhadoras na América Latina.

² A interatividade no contexto da pesquisa é a marca da identidade de CICTs segundo seus próprios intelectuais. No contexto da sociabilidade para o capital interatividade significa o somatório de ações de: atenção, intervenção, troca de informações, interpretação, resposta, adequação com agilidade associada à diversidade do processo produtivo (LEMONS, 1999, p.128 *apud* BONATTO, 2012, p.97). Autores sustentam que essa forma de aprendizado é uma característica tão fundamental na economia do conhecimento que optam por chamá-la de economia do aprendizado, relacionado à alta taxa de mudança econômica, social e técnica que perpassa continuamente o conhecimento especializado e codificado. Esses autores tornam claro que o que realmente importa para o desempenho econômico é a habilidade de aprender e de esquecer e não o estoque de conhecimento. Essa sistematização das relações entre interatividade e inovação na Sociedade do Conhecimento para a Economia do Aprendizado associadas às reflexões do presente estudo esclarecem que, há que se ter uma visão da dimensão do significado da interatividade no contexto da sociabilidade capitalista para se entender realmente o papel social e educativo de CICTs (BONATTO, 2012, cap. 1).

Agradecimentos e apoios

Equipe do Museu da Vida/Fiocruz, Rio de Janeiro

Referências

- BONATTO, Maria Paula de Oliveira. *A Criação dos Centros Interativos de Ciência e Tecnologia e as Políticas Públicas no Brasil: uma contribuição para o campo das ciências da vida e da saúde*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Orientador Professor Dr. Eduardo Navarro Stotz. Rio de Janeiro, setembro de 2012.
- COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital: Crise do Marxismo e Mudanças nos Projetos Políticos dos Grupos Dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para a obtenção do grau de Doutor em História, sob a orientação da Professora Doutora Virgínia Fontes. Niterói, fevereiro de 2005.
- FONTES, Virgínia. A Sociedade Civil no Brasil Contemporâneo: lutas sociais e luta teórica na década de 1980. In: LIMA, Júlio César França e NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Orgs.). *Fundamentos da Educação Escolar do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 201-239.
- FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Editora UFRJ, 2010.
- GIDDENS, Anthony. *A Terceira Via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da socialdemocracia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 1. *Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Edição de Carlos Nelson Coutinho, em colaboração com Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Orelha de Joseph A. Buttigieg. Quarta capa de Eric Hobsbawm. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 6. *Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques. Orelha de Alfredo Bosi. Quarta capa de Giorgio Baratta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LEHER, Roberto. Um novo senhor da educação? A política do Banco Mundial para a periferia do capitalismo. *Outubro*, V.1, n. 3, 1999, p.19-30.
- LEMOES, Cristina. Inovação na Era do Conhecimento In: LASTRES, M. M., ALBAGLI, Sarita (organizadoras). *Informação e Globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999. Consultada em 27-06-2012. Disponível no endereço eletrônico: http://www.liinc.ufrj.br/fr/attachments/055_saritalivro.pdf#page=122
- LOUREIRO. Problematizando conceitos: contribuição à práxis em educação ambiental. In: _____. (Org.) [et al]. *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007b. p. 104-155.
- MARTINS, André Silva. *A direita para o social: a educação para a sociabilidade no Brasil contemporâneo*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.
- NEVES, L.M.W. (org.) *A Nova Pedagogia da Hegemonia. Estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo: Xamã, 2005a.
- PEREIRA, João Márcio Mendes. *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008)*. Tese (Doutorado). Orientadora: Virgínia Fontes - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.